

## Teatralidade e Espetacularidade na Festa de Nazaré, em Belém do Pará<sup>1</sup>

### Theatricality and Spectacularity at the Feast of Nazareth, in Belém do Pará

Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida

Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém/PA, Brasil

E-mail: ivmaxavier@gmail.com

---

#### Resumo

A Festa de Nazaré ou Círio de Nazaré – objeto de análise deste artigo – comporta em si vários eventos rituais que acontecem a partir do segundo domingo de outubro, na cidade de Belém, em louvação à Nossa Senhora de Nazaré, a padroeira dos paraenses. Neste texto o referencial teórico utilizado para a elaboração de reflexões sobre o fenômeno investigado é a Etnocenologia, em diálogo com a Sociologia do Drama Social. Neste estudo, acionar a Etnocenologia como base epistemológica permitiu a construção da categoria conceitual corpo Cirieiro – como estados de corpo em processos de afetação pela relação íntima de fé daqueles que fazem, vivem e sentem a Festa em todas as suas dimensões. O jogo epistemológico proposto está assentado nas categorias Teatralidade e Espetacularidade. Todo o corpo textual deste artigo encontra amparo nas fontes consultadas e a leitura e interpretação dos fenômenos investigados estão subsidiadas nas ideias de Bião (2009), Maffesoli (1998), Santa Brígida (2015), Lévi-Strauss (1978), Goffman (1989).

---

#### Abstract

The Nazareth Party or “Círio de Nazaré” – the object of analysis in this article – embrace in itself some sequence of rituals which praise Nossa Senhora de Nazaré, the patron saint of state Pará, starting from the second Sunday of October, taking place in the capital city of the state, Belém. In this paper the theoretical basis for the development of reflections on the phenomenon under investigation is the Ethnoscenology, in dialogue with the Sociology of Social Drama. The construction of the “Cirieiro body” as a conceptual category is based on the categories of Theater and Spectacularity, and analyzes the body in processes of affecting by the intimate relationship of faith of those who make, live and feel the Festival in all its dimensions. The entire textual body of this article finds support in the sources consulted, and the reading and interpretation of the investigated phenomenon are subsidized in the ideas of Bison (2009), Maffesoli (1998), Santa Brígida (2015), Lévi-Strauss (1978), Goffman (1989).

---

#### Palavras-chave

Festa de Nazaré. Etnocenologia. Teatralidade. Espetacularidade. Corpo Cirieiro.

---

#### Keywords

Nazareth Party. Ethnocenology. Theatricality. Spectacularity. Cirieiro Body.

---

<sup>1</sup> Artigo produzido a partir do projeto de pesquisa “Festas, brincadeiras, cortejos, procissões e atos devocionais: estudos sobre manifestações populares na Amazônia (portaria de aprovação nº 169/2018-ICA), vinculado ao Grupo de Pesquisa TAMBOR – Grupo de Pesquisa em Carnaval e Etnocenologia, coordenado pelo professor Doutor Miguel de Santa Brígida-PPGARTES/UFPA.

### À guisa de uma introdução

É domingo. Mas não um domingo qualquer. É o segundo domingo de outubro, e, em Belém do Grão-Pará, essa data é tida como sinônimo de Círio, ou seja, de Festa de Nazaré. De sábado para domingo, Belém não dorme. O movimento nos bares dos centros urbanos e de áreas periféricas é intenso até as primeiras horas da manhã de domingo. Nos clubes populares, as festas são regadas pelo potente som das aparelhagens, no ritmo da música local – o Brega.

Após a missa matinal celebrada pelo Arcebispo Metropolitano de Belém, por volta das sete horas, tem início o grande cortejo. Milhares de pessoas avolumam-se, disputando cada palmo do chão de asfalto das ruas de Belém. Lentamente, o cortejo vai se movimentando, obedecendo ao ritmo imposto pelos promesseiros que puxam a corda. Rostos suados, cansados e sofridos são conduzidos por pés descalços, os quais, a passos miúdos, executam movimentos cadenciados. É exatamente nesse espaço social que o sentimento de devoção e fé para com a Virgem materializa-se por meio da noção do sacrifício de puxar a corda que, simbolicamente, conduz a Santa em sua berlinda, até a Basílica Santuário.

Para quem não é do Pará ou devoto de Nossa Senhora, a cena exótica e estranha produzida pelo movimento sincronizado da massa humana que acompanha o cortejo pode muito bem ser ilustrada pela música de Gilberto Gil (1967)<sup>2</sup>, que diz: “Olha lá! Vai passando a procissão, se arrastando que nem cobra pelo chão”.

Já no caso daqueles que se consideram devotos e filhos da Virgem, a letra da música “Última Canção”, de Edyr Proença e Emanuel G. Matos (2005), expressa o tom do sentimento de pertencer ao lugar, ao ritual, ou seja, à Festividade de Nazaré, ao entoar:

Quando eu for morrer, vou pedir para ser Outubro. No meio daqueles anjos do Círio de Nazaré. Lá estarei tranqüilo com meu cigarro de palha. As dores todas vencidas, nas ondas do rio-mar. E quando chegar a hora, bem antes de partir, pedirei à Virgem asas feitas de Miriti. (Última Canção, de Edyr Proença e Emanuel G. Matos, 2005).

Durante todo o percurso de passagem da Santa, os alto-falantes vão transmitindo orações, cânticos e louvores à Virgem, enquanto toneladas de papéis picados são jogadas dos prédios. O som da queima de fogos confunde-se com os cânticos, orações e falas dos que acompanham, ou apenas assistem à passagem da procissão. Misturados à multidão, caminhando no mesmo sentido ou em sentido contrário, centenas de vendedores ambulantes disputam a atenção para a venda de seus produtos (água mineral, refrigerantes e cervejas). Ainda nas transversais das ruas por onde se desenvolve o cortejo, pagadores de promessas distribuem água mineral. Outros distribuem pequenas réplicas da Santa ou “santinhos” contendo a imagem do santo devoto e sua oração. O rico colorido dos estandartes que carregam uma diversidade enorme de brinquedos e objetos de Miriti, é levado durante toda a extensão do cortejo por vendedores ambulantes. A venda das famosas fitinhas coloridas contendo a frase *Lembrança do Círio de Nossa Senhora de Nazaré*, além dos terços de contas e cores variadas, completa o cenário da Festa que o escritor paraense Dalcídio Jurandir (1960) denominou de *Carnaval Devoto*.

A cena ilustrada acima serve para descrever o processo ritualístico presente na Festa do Círio e, à primeira vista, serve também para exemplificar imagens presentes no imaginário de qualquer pessoa que já viu o Círio ou dele ouviu falar.

A Santa louvada no Círio de Nazaré, em Belém, é a Nossa Senhora de Nazaré, que até o final do século XIX era chamada de Nossa Senhora de Nazaré do Desterro. Conforme indicam os vários estudos, até 1789 a Festa em louvor a Nossa Senhora de Nazaré era marcada pelas ladainhas

<sup>2</sup> Música “Procissão”, de Gilberto Gil, gravada em compacto (RCA) em 1965; em 1967, no LP Louvação (Philips); e no LP Gilberto Gil, em 1968. Também gravada por Tambatrio, em 1965; Paulinho Nogueira, em 1966; Marínes, em 1967; e Milton Banana Trio, em 1968.

e novenas no local do achado da Santa. Todavia, em 1790, a Igreja Católica autoriza a realização da festa pública em homenagem à Virgem de Nazaré marcando, a partir de então, a oficialização, por parte da Santa Sé, da Festa de Nazaré. A primeira procissão, ou o primeiro Círio oficial, ocorreu em 1793 a mando do então presidente da Província, em agradecimento por graça alcançada.

A partir da “oficialização” do Círio pela Santa Sé, a estrutura ritualística da Festa passa a ser assumida pela Igreja Católica, inclusive com a introdução de alguns dos símbolos sacros mantidos até hoje, como é o caso da berlinda, da corda, do barco dos anjos e do carro dos milagres.

Nas interpretações sobre os sentidos da Festa, o embate entre catolicismo eclesial e catolicismo devocional tem sido destacado por autores como Roque (1974), Maués (1995) e Coelho (2001) como uma constante no Círio de Nazaré. Nos estudos sobre a história da Festa, ao longo de mais de dois séculos, destacam-se vários conflitos e tensões entre a elite eclesial, Estado, Diretoria da Festa e devotos da Santa.

Existindo há mais de duzentos anos, a Festa do Círio, ou Festa de Nazaré, congrega em si um extenso mosaico de elementos culturais integrados, em diferentes planos e graus de intensidade. Tais elementos mantêm entre si relações ambivalentes de aproximação e distanciamento, identificação e diferenciação. São essas relações que criam na Festa de Nazaré a ambiência da espetacularidade.

De acordo com o historiador Carlos Roque (1974), Círio vem do latim *Cereus*, que etimologicamente significa “grande vela” e, em Portugal e no Pará, é a designação dada às romarias e procissões. Os diversos estudos produzidos por historiadores e memorialistas (VIANNA, 1904; DUBOIS, 1953; CRUZ, 1967; MOREIRA, 1971; e ROQUE, 1974) sobre o Círio concordam com a tese de que a Festa de Nazaré é resultado do processo de catequização dos índios Tupinambá pelos padres jesuítas, os quais trouxeram em suas bagagens a devoção a Nossa Senhora. Devoção esta, sustentada pela

narrativa mítica do achado da imagem de Nossa Senhora de Nazaré pelo personagem Plácido, o típico caboclo – pobre e humilde – representante da classe pauperizada e desprovida de bens materiais, que compunha parcela significativa da população da Província de Belém do Grão-Pará oitocentista.

Mas a prática cultural do Círio só será implantada em Belém do Grão-Pará noventa e três anos após o achado da imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Muito embora, nessa época, conforme indicam os vários estudos sobre o tema (VIANNA, 1904; CRUZ, 1967; e MOREIRA, 1971), já estivesse consolidado o chamado catolicismo devocional pela população pobre da então colônia, com peregrinações, ladainhas e pagamento de promessas, e com a sua regularização pela Santa Sé. A primeira Procissão do Círio não será planejada por esse segmento populacional, mas sim por um legítimo português – o então presidente da Província, Capitão Mor, Dom Francisco de Souza Coutinho.

De acordo com Montarroyos (1993), a realização do primeiro Círio em terras paraenses, precisamente na tarde de 08 de setembro de 1793, ocorreu com pouca pompa e circunstância. Afora a presença da Santa e de devotos, em pouquíssima coisa lembra o Círio que ocorre em tempos de globalização. O primeiro Círio sequer ocorreu em outubro. Aliás, serão necessários vários Círios – realizados em datas e horários desconhecidos – para finalmente se decidir pela oficialização do segundo domingo do mês de outubro, pela parte da manhã, como o Dia do Círio. Também o primeiro Círio sequer foi acompanhado por um bispo, apenas um cônego cumpriu as formalidades da procissão<sup>3</sup>.

Do primeiro Círio até os do tempo presente, muita coisa mudou. Talvez a única permanência ritualística seja a relação simbólica que o

---

3 À época, o Bispado estava em vacância, e, então, existia apenas um vigário capitular, o Cônego José Monteiro da Cunha, para cumprir as formalidades da procissão. Quando Dom Manuel de Almeida assume o Bispado, no dia 17 de junho de 1794, as regras do culto público estavam todas definidas pelo Estado (MONTARROYOS, 1993).

devoto-promesseiro mantém com a Virgem de Nazaré. E, ao longo desses mais de dois séculos de existência, a amplitude social e territorial da Festa, sua estrutura simbólica e ritualística, sua estrutura organizativa, assim como o ritmo e o tempo destinado à sua feitura vêm sofrendo constantes alterações.

Na verdade, a Festa de Nazaré, por congregar várias festas em uma única, expressa visões de mundo de grupos distintos que mantêm com a Santa – elo maior de ligação da Festividade – sentimentos que se exprimem nas diversas práticas de louvação e agradecimento à Virgem de Nazaré.

O extenso processo ritual observado na Festa de Nazaré e que aglutina as dimensões sagradas e profanas, encontra no corpo cirieiro a dimensão exata para sua realização. É este corpo cirieiro que é atravessado pelas experiências sagradas e profanas vividas no período da festa.

Neste artigo, **Corpo Cirieiro** se constitui em uma categoria conceitual ancorada na etnociologia que, como matriz teórica, conduz meu olhar de devota-pesquisadora ao encontro da teatralidade e espetacularidade contida no fenômeno da Festa de Nazaré, e também como terreno fértil do ser-junto (BIÃO, 2009). Já a palavra teatralidade neste texto se constitui para “designar a ação e o espaço organizados para o olhar, posto que toda interação humana ocorre porque seus participantes organizam suas ações e se situam no espaço em função do olhar do outro” (BIÃO, 2009, p. 35). Na mesma proporção, a palavra espetacularidade aqui trabalhada parte da compreensão de Armindo Bião quando diz: “destinada a designar o que chama, atrai e prende o olhar” [...] “trata-se de uma forma habitual, ou eventual, inerente a cada cultura, que a codifica e transmite, de manter uma espécie de respiração coletiva mais extraordinária” (BIÃO, 2009, p. 37).

O percurso metodológico realizado no processo de escrita deste artigo se constituiu em exercício reflexivo a partir dos pressupostos metodológicos propostos pela Etnociologia acerca dos trajetos, projetos e afetos e dizem respeito ao nível de contato, profundidade e in-

timidade que eu, **devota-pesquisadora**, tenho com o fenômeno aqui estudado.

Meu contato com a Festa de Nazaré é a marca da minha infância. Embora não acompanhasse o Círio, eu e meus irmãos esperávamos, ansiosos, a chegada de nossa mãe que, acompanhada de nossa avó e tias, fazia o percurso em agradecimento à Virgem de Nazaré por graças alcançadas. Quando avistávamos mamãe na entrada da rua, eu e meus irmãos, eufóricos, ficávamos imaginando qual brinquedo iríamos ganhar.

Em meio a reco-recos, cobras de Miriti e ratos, confeccionados em papel machê, íamos almoçar o tradicional pato no tucupi e a maniçoba. Depois do almoço, era só brincadeira. Brincávamos de “pira-se-esconde”, “bandeirinha” e “Tia Chica”. Ao final do dia, voltávamos para casa e cada qual guardava seu brinquedo do Círio.

Se da infância a memória que guardo do Círio assume a forma da cobra de Miriti que eu ganhava e guardava, de outubro a outubro, a Virgem de Nazaré ou “Nazica” – como aprendi a chamá-la com minha avó Ninete – faz parte da minha história de vida. Por influência e intermédio de minha avó, tornei-me devota da “Nazica” e uma espécie de “santeira”. Adorava ver a mãe de minha mãe arrumando seu oratório com seus santos variados. Mas sempre, no centro do oratório, o lugar de destaque era para a Virgem de Nazaré, que ficava cercada de velas e flores. E até hoje, mesmo sem possuir um oratório como o de minha avó, tenho um cantinho “sagrado” em minha sala, onde ficam em destaque minhas imagens de santos e santas.

Embora devota de Nossa Senhora de Nazaré, minha frequência ao Círio era muito esporádica e, quando ia, era apenas para “assistir a sua passagem”, voltando para casa para o tradicional almoço. Inserida nos novos tempos da Festa, o meu contato com o Círio, na maioria das vezes, era feito pela televisão, assistindo da sala de minha casa o traslado da Santa em meio a conversas animadas mantidas por parentes e amigos que se (re) encontravam na Festa, no almoço.



Foi somente nos últimos 14 anos que passei a acompanhar a Procissão do Círio ininterruptamente. Contudo, nos últimos anos, misturados com a devoção, alguns questionamentos de ordem acadêmica apareciam, vez ou outra, em meio aos terços rezados durante o percurso da procissão. E, por incrível que pareça, foi acompanhando o Círio de 2004 que, executando o que em Antropologia se chama “exercício de estranhamento”, pude olhar esse fenômeno religioso com outras lentes, o que me possibilitou “transformar o familiar em exótico” (OLIVEIRA, 1998). Ou seja, foi somente nesse momento, ao deslocar de minha retina a visão familiar, religiosa, devocional e íntima com a Santa e, por conseguinte, com o próprio Círio, que pude vê-lo como um fenômeno multifacetado, vivido e expressado por diferentes sujeitos e grupos sociais. Em vários momentos da procissão, vi-me brigando comigo mesma, já que, por estar atenta a outras questões reflexivas, perdia-me nos “mistérios” do terço que rezava. É óbvio que concluir o percurso do Círio no estado em que me encontrava, por si só, foi um grande mistério.

De 2004 para os dias atuais, orientei vários TCC's sobre o Círio de Nazaré ou sobre signos ligados à Festa. Em 2010 defendi tese de doutorado no programa de Pós-Graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) intitulada Círio de Nazaré: a Festa da Fé e suas (re)significações culturais. Desde 2010 meus projetos de pesquisa buscam refletir sobre a religiosidade em suas diversas manifestações na Amazônia paraense.

De acordo com a etnocenologia, meu trajeto e envolvimento com a temática me dá a apetência – a qualidade, simultaneamente essencial e existencial, que justifica meu interesse pelo objeto em questão. Esta aproximação entre mim e o objeto, longe de se constituir em problema de ordem metodológica, nos coloca frente a frente, nos tornando interlocutores no processo de percepção e de produção de material de conhecimentos sobre a espetacularidade existente nela, na Festa de Nazaré, admitindo, com bem diz Bião (2009), que o espetacular pode

ser percebido como um encontro, advindo ou não de diferentes condições culturais, mas que tais particularidades não devem se transformar em pensamentos e ações valorativas nesta ação.

### **A Festa de Nazaré e as práticas de comportamentos humanos espetacularmente organizados**

A festa de Nazaré começa oficialmente no segundo domingo de outubro. Mas o planejamento e preparativos para realização da festividade iniciam nos primeiros meses do ano. E a cada ano que passa, este planejamento tem seu tempo dilatado, isto porque durante a sua existência, a Festa de Nazaré vem sofrendo várias modificações. Conforme nos ajuda a propor Lévi-Strauss (1978), tais modificações indicam o movimento constante e contínuo que ocorre em manifestações culturais, sobretudo naquelas processadas nas chamadas sociedades complexas, em sociedades “abertas”, altamente receptíveis a influências advindas de outros centros urbanos.

Na verdade, a Festa de Nazaré, por congregar várias festas em uma única, expressa visões de mundo de grupos distintos que mantêm com a Santa – elo maior de ligação da Festividade – sentimentos que se exprimem nas diversas manifestações de louvação e agradecimento à Virgem de Nazaré. Cada um dos eventos rituais que compõe a totalidade da festa de Nazaré se constitui em evento espetacular e, portanto, possível de ser investigado à luz da etnocenologia, cujos estudos, no estado do Pará, têm avançado na área da sacralidade, “buscando na espetacularização da teatralidade dessas ações rituais, não mais a sacralidade em oposição ao profano, mas o apontamento dessa sacralidade, independente desse antagonismo” (SANTA BRÍGIDA, 2015, p. 29).

A Etnocenologia se estrutura como uma disciplina especializada no estudo dos comportamentos humanos espetacularmente organizados (PRADIER, 1995). Em seu campo investigativo, a palavra espetacularidade assume uma dimensão de primeira grandeza, por se expressar em qualidade do que é espetacular; grandiosidade; ostentação. Sua derivância vem do latim *expectare* – do ex- “para fora” + spec-

tare – “olhar, observar, contemplar”. Nesse sentido, a palavra espetacular está diretamente associada ao que é apresentado para ser contemplado, admirado. Grande parte dos rituais festivos que acontecem nas diferentes culturas existentes nas sociedades contemporâneas se constituem em comportamentos humanos espetacularmente organizados. Por sinal, é essa tese que leva Pradier a afirmar que “existem tantas práticas espetaculares no mundo que se pode razoavelmente supor que o espetacular, tanto quanto a língua e talvez a religião, sejam traços específicos da espécie humana” (PRADIER, 1999, p. 28).

À luz da etnocenologia, a festa de Nazaré é composta de vários eventos rituais espetaculares que marcam a “quadra nazarena” e que expressam as mais diferentes relações de devoção daqueles que vivem a festividade para com a Santa louvada – Nossa Senhora de Nazaré. Entretanto, é necessário considerar que a noção de espetacularidade aqui tratada não se limita apenas à dimensão da sacralidade. Ao contrário, na festa, o sagrado está imbricado com o profano e vice-versa, posto que o contato com a festividade em todas as dimensões de seus eventos rituais acontece no corpo daquele que experiencia o fenômeno. No dizer de Barthes “o corpo está sempre em estado de espetáculo diante do outro ou mesmo diante de si mesmo” (BARTHES, 1982, p. 651).

No campo etnocenológico, estudos de fenômenos culturais, incluindo o campo das festas, festividades, procissões, atos devocionais dentre outros, a compreensão de comportamentos humanos espetaculares mantém relação íntima com a noção de teatralidade, posto que ambas:

Teatralidade e espetacularidade – o par de categorias ideal-típicas referente à convivência em sociedade; sendo a primeira aplicada às pequenas interações rotineiras, nas quais os indivíduos agem em função do interlocutor (para o olhar do outro, como no sentido etimológico do teatro), de modo mais ou menos consciente e confuso, sem distinção clara entre ‘atores e espectadores’, por desempenharem, aí, todos, simultaneamente os dois ‘papéis’; e a segunda aplicada às

maiores interações extraordinárias, quanto coletivamente a sociedade cria fenômenos organizados para o olhar de muitos outros, que dele têm consciência clara como ‘atores’ ou ‘espectadores’ (BIÃO, 2009, p. 62).

Na Festa de Nazaré, a teatralidade é visualmente perceptível no campo das subjetividades, ou seja, na relação íntima que o participante da festa tem com a santa louvada, Nossa Senhora de Nazaré. Nas várias procissões que compõem a Festa de Nazaré, com destaque para a Trasladação e o Círio propriamente dito, o jogo cênico que se estabelece entre “**olhante e olhado**”, é marcado pela posição das mãos, dos pés descalços, das lágrimas copiosas que lavam rostos anônimos. E rapidamente quem está na condição de olhado, passa para olhante e vice-versa. Esse jogo cênico de ir e vir, de vir a ser, marca todo o percurso das procissões e estabelece uma conexão forte entre todos os envolvidos neste ato de celebração, de celebrar este **estar junto** na emoção compartilhada, no sentimento de pertencimento.

A Sociologia do Cotidiano ou do Drama Social de Erving Goffman também ajuda no exercício de pensar a teatralidade na Festa de Nazaré. Para Goffman, no estudo das representações sociais há que se considerar a perspectiva da representação teatral e os princípios dramáticos, ou seja: a presença do ator, observadores, personagem, espetáculos, desempenho de papéis. Para ele, a representação consiste em “toda atividade de um indivíduo que acontece num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 1989, p. 35). Para que a representação ocorra, é necessário o **cenário** – partes cênicas de equipamento expressivo – e **aparência** – estímulos que funcionam no momento de se revelar o status social do ator. Esses elementos são indispensáveis para que no evento ritual ocorra a **realização dramática**, cuja eficácia é instaurada na presença do outro, de quem assiste o evento. Neste sentido, na Festa de Nazaré o cenário e a aparência são importantes para instaurar a ambiência necessária para a teatralidade.

Em contrapartida, pensar a espetacularidade na Festa de Nazaré é compreender a teatralidade nas interações extraordinárias, acionadas no campo do coletivo. É observar o corpo coletivo que puxa a corda, que entoa palavras de ordem e hinos nazarenos e sua relação com o coletivo de apoio, aqueles que doam água ou protegem os pagadores de promessas. É, portanto, observar a Festa em sua totalidade, compreendendo o delicado fio que une a parte ao todo e vice-versa.

Se a Etnocologia ajuda a pensar a Festa de Nazaré na sua totalidade e organicidade, onde as dimensões do sagrado e profano estão imbricadas e se manifestam no corpo daquele que vive a festa, este corpo é, simultaneamente do devoto, que acompanha todas ou parte das mais de dez procissões oficiais da Festa e também do brincante, que se diverte nas festas de aparelhagens, nos passeios no Arraial de Nazaré, na Festa da Chiquita, no Arrastão do Pavulagem. Em qualquer um desses eventos rituais, a espetacularidade se faz presente como movimento constante que mescla os sujeitos na condição de “olhante” e “olhado” ao encontro de suas subjetividades, posto que “é preciso um vazio que seja o não-lugar de articulação dessas duas instâncias envolvidas na percepção e no encontro entre ‘olhante’ e ‘olhado’, olhante e olhado que pertencem tanto ao âmbito da obra e da imagem quanto ao do antropos” (DIDI-HUBERMAN, 1988, p. 22).

Na festa de Nazaré, a relação entre olhante e olhado não é rígida ou estanque. Ao contrário, é fluida, uma vez que implica em movimentos de alternância entre uma condição e outra. No geral, o olhante é aquele que acompanha de fora os eventos rituais, mas que não está imune ao estado de afetação provocado pelo exercício de acompanhar uma missa, procissão ou cortejo. Já o olhado é aquele que está vivendo o evento ritual, quer seja na condição de devoto, ou seja, aquele que tem ou denota devoção a Nossa Senhora de Nazaré, ou na condição de promesseiro, acompanhante nas procissões ou romarias como ato de pagamento de promessas por graças alcançadas.

É interessante observar que para a etnocologia é na relação entre olhante e olhado, mais especificamente no jogo cênico estabelecido entre eles que se ancora o conceito de espetacularidade que, da primeira à última procissão é capaz de instaurar o clima mágico, sublime e misterioso à Festa de Nazaré.

E esse clima sublime, festivo, de louvação se instala no corpo-cidade dias antes da grande procissão – o Círio de Nazaré – cujo percurso se estende da Igreja da Sé até a Basílica Santuário.

Nos primeiros dias do mês de outubro, o corpo-cidade começa a se vestir para o grande dia. Árvores são podadas, principalmente das ruas por onde passa o cortejo; fachadas de casas, prédios comerciais e residenciais são ornamentados com decorações alusivas à festa. Próximo à Basílica Santuário, na Avenida Nazaré e adjacências, o comércio de fitinhas de Nossa Senhora de Nazaré, de camisas, imagens e mantos da santa, terços, e outros tantos itens acontece. A fachada da Basílica Santuário recebe iluminação e o CAN – Centro Arquitetônico de Nazaré – localizado em frente à Basílica, também recebe limpeza e iluminação especial.

Lentamente o corpo-cidade tem seu espaço alterado, sinalizando a chegada da grande festa. É importante destacar que essa alteração que se observa no corpo-cidade não acontece somente nas ruas e transversais por onde passam as procissões e cortejos da festividade. Ao contrário, se alarga e se estende para praticamente todo o espaço territorial da Região Metropolitana de Belém<sup>4</sup> e expande para a BR 316, rodovia interestadual que liga Belém a outros municípios paraenses e estados brasileiros. É por esta rodovia que os caminhheiros fazem seus trajetos em direção à Basílica Santuário.

É comum na penúltima semana que antecede ao Círio de Nazaré, o meio fio da BR316 ser ocupado pelos caminhheiros da Fé. Eles vêm de longe,

4 A Região Metropolitana de Belém – RMB é composta pelos municípios de Ananindeua, Benevides, Belém, Marituba, Santa Bárbara e região das Ilhas. (Fonte: Portal Prefeitura Municipal de Belém).

de municípios distantes fazendo o percurso de dia e noite, descalços, até chegar ao destino. A caminhada é longa e o cansaço visível. Como suporte para os caminheiros, vários grupos se espalham ao longo da rodovia, doando água, refeição, medicamentos e massagens para aqueles mais cansados. Palavras de força e fé são proferidas tanto por quem está prestando socorro quanto por aquele que está passando de carro ou transporte coletivo pela rodovia. As palavras, aplausos e gritos funcionam como estímulo para muitos caminheiros seguirem adiante, como bem demonstra a fala de Dona Evangelina<sup>5</sup> :

Ah, esse ano meu corpo tava sentindo mais. Acho que é a idade. Eu já tinha dito pro meu marido que ia parar. O esporão no meu pé tava me matando. Eu tava sentada na pista quando um carro cheio de pessoas parou bem na minha frente. Quando eles começaram a falar comigo para eu seguir, ir em frente que nossa Senhora me esperava na Basílica, não sei dizer, parece que tinha sido anestesiada. A dor do meu pé sumiu, da minha coluna também. Senti uma energia entrando em mim e me animei para chegar, para ver minha mãezinha (Dona Evangelina de Sousa. Depoimento coletado dia 10/10/2019, na Rodovia BR316).

O depoimento de Dona Evangelina revela a intrincada rede de afetos que une olhantes e olhados e o movimento sutil que desloca o olhante para a condição de olhado e vice-versa.

Das doze procissões<sup>6</sup> que compõem o complexo ritual da Festa de Nazaré, a Trasladação e o Círio se destacam pela rede que une olhantes e olhados, e se funde em movimento circular constante.

Quando a Moto Romaria faz a entrega simbólica da imagem da Santa para a Diretoria da festa no Colégio Gentil Bittencourt, muitos fiéis, devotos e

promesseiros já se encontram à espera para acompanhá-la na **Trasladação**. Essa procissão é realizada na noite do sábado que antecede o Círio de Nazaré. Depois de uma missa, às dezessete horas, realizada em palanque armado no jardim do colégio, os fiéis se dirigem em procissão à Igreja da Sé (Igreja Matriz de Belém), fazendo o mesmo percurso da procissão de domingo, mas em sentido inverso.

A cada ano, a Trasladação congrega mais participantes. E, desde as primeiras horas da tarde de sábado, a movimentação de fiéis, devotos e promesseiros, misturados aos inúmeros grupos de turistas, congestionam a Avenida Nazaré e suas imediações. Também desde cedo, o número de pessoas que acompanham essa procissão segurando a corda é extremamente expressivo.

Com o avançar das horas, as pessoas se aglutinam nos calçamentos das ruas, ao mesmo tempo em que, pelo vai e vem constante, os diversos grupos sociais vão se cruzando à procura de um lugar privilegiado para assistir à passagem da Santa. Velas são distribuídas por diferentes promesseiros anônimos e também por grupos de trabalhadores de diversas empresas locais em louvor à Virgem de Nazaré. Ao longo de todo o trajeto da Trasladação, os alto-falantes instalados nos postes de iluminação pública, reproduzem os mistérios dos terços rezados por diversas irmandades católicas, intercalados pelo canto do Hino Oficial do Círio<sup>7</sup> e outras músicas sacras<sup>8</sup>, identificadas pelos partici-

7 Vós Sois o Lírio Mimoso é considerado o hino oficial do Círio de Nazaré. Composto em 1909, pelo poeta maranhense Euclides Farias, posteriormente foi acrescido de um estribilho – escrito pelo advogado Aldebaro Klautau – que cita o nome da Senhora de Nazaré.

8 O hino Virgem de Nazaré é, originalmente, um poema da poetisa paraense Ermelinda de Almeida, que, por volta dos anos 60 do século XX, foi musicado pelo Pe. Vitalino Vari. A música Maria de Nazaré tem letra e música do sacerdote mineiro Pe. José Fernandes de Oliveira (Pe. Zezinho) e foi composta em 1975. E a música Senhora da Berlinda tem letra e música do Pe. Antonio Maria Borges, e foi composta em 1987. Na década de 90, a música Nossa Senhora, de autoria de Roberto e Erasmo Carlos passou a integrar a “trilha sonora” do Círio.

5 D. Evangelina de Sousa Santos. 68 anos. Moradora do município de Castanhal. Há 10 anos faz o percurso até a Basílica Santuário com marido e filhos.

6 Traslado para Ananindeua, Romaria Rodoviária, Círio Fluvial, Moto Romaria, Trasladação, Círio de Nazaré, Ciclo Romaria, Romaria da Juventude, Círio das Crianças, Romaria dos Corredores, Procissão da Festa, Recírio.



pantes da Festividade como o ingrediente necessário para estabelecer, naqueles que acompanham a procissão – os olhados – o sentimento de respeito, carinho e amor para com a Virgem. Igualmente, ao longo de todo o trajeto, são cada vez mais recorrentes as homenagens prestadas à Santa, seja por parte de empresas, de escolas ou de moradores dos prédios residenciais construídos ao longo da Avenida Nazaré. Na Avenida Presidente Vargas, rua que congrega vários bancos, como o BASA (Banco da Amazônia), a Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil, e o Banpará (Banco do Estado do Pará), as homenagens incluem desde a chuva de papéis picados ao canto de corais que, não raro, fazem o vocal para cantores consagrados nacionalmente. Completando o clima de festa que toma conta de toda a cidade, milhares de toneladas de fogos de artifício são queimados nesse percurso.

Após a chegada da imagem da Santa à Igreja da Sé, Catedral Metropolitana de Belém, localizada no bairro da Cidade Velha<sup>9</sup>, bem em frente ao Forte do Castelo – marco histórico de fundação da cidade de Belém –, é celebrada uma missa pelo Arcebispo de Belém, saudando a Virgem e os milhares de romeiros que lotam a Praça Dom Frei Caetano Brandão. É, portanto, em frente à Catedral de Belém e nos espaços da Praça, que os promesseiros que acompanharam a Trasladação encontram os que vão acompanhar a Procissão do Círio na corda e os que vão fazer vigília em frente à igreja em louvação a Nossa Senhora. Todo esse movimento frenético é acompanhado atentamente por turistas – olhantes – que lotam as imediações desses espaços, nitidamente surpresos e emocionados com as expressões de devoção, alegria e folia vividas, simultaneamente, por diversos e diferentes grupos sociais.

Da Trasladação para a Procissão do Círio não demora muito. Aliás, parece que essas duas

procissões estão interligadas, já que o intervalo que marca o término da primeira e o início da segunda é, em média, de menos de seis horas. Aliado a esse aspecto, também tem o fato de a cidade de Belém amanhecer literalmente acordada. De sábado para domingo, Belém não dorme. O movimento nos bares dos centros urbanos e de áreas periféricas é intenso e une noite e dia. Nos clubes populares, as festas são regadas pelo potente som das aparelhagens no ritmo da música local – o Brega<sup>10</sup>. No terminal rodoviário e no aeroporto internacional de Val-de-Cans, o vai e vem de passageiros denuncia o momento festivo da cidade. Também nas dezenas de portos localizados na Rua Estrada Nova, barcos de variados tamanhos e cores atracam e, de seus interiores, homens, mulheres, crianças e velhos formam uma massa compacta que, rapidamente, se espalha pelas vielas e becos, à procura dos parentes ou de transportes coletivos que os levem o mais próximo possível às imediações da Procissão do Círio.

Após a missa matinal celebrada pelo Arcebispo de Belém, tem início o cortejo mais importante da Festividade de Nazaré, a Procissão do Círio. Em um percurso de 3,5 km, a berlinda que conduz a imagem da Santa é “puxada” pela corda, que é conduzida por uma imensa massa humana formada por promesseiros e devotos de Nossa Senhora de Nazaré. Fazem parte do cortejo do Círio, além da corda e da berlinda, treze carros – Carro dos Milagres, Carro do Caboclo Plácido, Barca dos Escoteiros, Barca Nova, Carro do Anjo Custódio, Barca das Velas, Carro do Anjo Protetor da Cidade, Barca Portuguesa, Carro dos Anjos I, Barca com Remos, Carro dos Anjos II, Carro da Santíssima Trindade e o Cesto das Promessas. Esses carros, que são conduzidos por integrantes da Guarda da Santa, seguem à frente da berlinda e, em seu interior, são depositados os ex-votos, ou seja, as

9 O Bairro da Cidade Velha é mais antigo de Belém. É o marco de fundação da cidade. Nesse espaço, tiveram início a dominação e a ocupação da Amazônia pelos portugueses. Hoje, abriga um conjunto arquitetônico precioso dos séculos XVII ao XIX, que retrata a memória plástica e cultural da região.

10 Termo que designa a música popular paraense, com influência da música caribenha. Os artistas que são orientados por essa vertente musical denominam esse ritmo de Calipso Fest.

promessas feitas à Virgem de Nazaré.

Das doze procissões que formam o complexo ritualístico da Festa de Nazaré, apenas a Trasladação e o Círio possuem o mesmo percurso, porém, em sentido inverso, já que a Trasladação leva a Imagem da Basílica Santuário para a Igreja Matriz, e o Círio conduz a Santa da Igreja Matriz para a Basílica de Nazaré, no Centro Arquitetônico de Nazaré, onde permanece durante os quinze dias da quadra nazarena. Do ponto de vista sociológico, são essas duas procissões que representam simbolicamente o mito do achado da imagem da Santa pelo caboclo Plácido.

Ao longo do percurso, a Santa recebe várias homenagens. Toneladas de papéis picados são jogadas dos prédios localizados na avenida Presidente Vargas e avenida Nazaré, formando uma espécie de chuva branca que cobre momentaneamente essas ruas. Durante todo o percurso da procissão até a sua chegada ao CAN, a imagem de Nossa Senhora de Nazaré continua recebendo queima de fogos e outros tantos arremessos de papéis picados. Quando a berlinda finalmente chega ao Centro Arquitetônico de Nazaré, ocorre a celebração de missa para abençoar promesseiros e devotos que acompanharam todo o cortejo.

Ao longo da execução dessas duas procissões – Trasladação e Círio – toda manifestação de louvor e honrarias a Nossa Senhora de Nazaré é da ordem da espetacularidade que, por sua vez, se alimenta do campo das subjetivações explicitadas nos jogos cênicos entre olhado e olhante, ou seja, na teatralidade, posto que a emoção que em ambas transborda é de compartilhamento, pertencimento. O ato de compartilhar, de pertencer como elo social pode ser aqui compreendido como estado de hierofania, como manifestação ou revelação do sagrado através da devoção à santa. Por outro lado, o conceito de comunidade emocional de Michel Maffesoli me parece mais adequado ao diálogo proposto com a etnocenologia. Quando eu considero o corpo coletivo da Festa de Nazaré como uma **comunidade emocional** (MAFFESOLI,

1998) considero que o que dá forma e sustentação a essa tribo é a socialidade como efervescência do afeto que marca a festa como um todo.

Embora a santa louvada na Festa de Nazaré tenha matrizes estéticas advindas do catolicismo europeu, a festa não é apenas católica, é a festa da religiosidade por agregar diferentes religiões – católica, umbanda, espírita, Pentecostal –, diferentes sujeitos e suas diferentes sexualidades, diferentes classes e grupos sociais, unidos por aquilo que se “constitui a essência do estar juntos, o dom de si, o fluxo social coletivo, uma simpatia universal que restitui a solidez das pessoas e das coisas” (MAFFESOLI, 1998, p. 23).

### O Corpo Cirieiro na Festa de Nazaré

A Festa de Nazaré, a exemplo de muitas festas de caráter religioso que acontecem no Brasil e mais particularmente na Amazônia, é marcadamente ligada ao catolicismo devocional, cujo sentido é explicado pelo antropólogo Herald Maués da seguinte forma:

O catolicismo devocional não tem peias, restrições, privações. Isso permite o comportamento folgazão das pessoas, divertindo-se alegremente e bebendo a ponto de terminarem o cortejo embriagados. Essas atitudes são condenadas por muitos, mas, na verdade, são tão esperadas como parte dos festejos de santo, assim como as rezas, as ladainhas, as missas, as procissões, o arraial, a festa dançante, as brigas, os namoros e tudo o mais que compõe uma verdadeira festa de santo. [...] O catolicismo popular apresenta, assim, um componente lúdico que lhe é inseparável e que, a despeito das tensões que provoca na sua manifestação, permanece sempre presente, o que confere a categoria festa uma importância toda especial (MAUÉS, 1995, p. 169).

Ao acionar a Etnocenologia como campo epistemológico no subsídio do exercício de reflexividade<sup>11</sup> sobre a Festa, encontrei no com-

11 “A categoria referente ao sujeito que dá conta de sua capacidade de pensamento e teorização (reflexão), espelhando as semelhanças e diferenças reconhecidas em

ponente lúdico indicado por Heraldo Maués a pista para enxergar a relação dialógica da dimensão sagrada e profana na festividade. Este meu olhar encontra amparo nas reflexões do sociólogo Peter Berger sobre o campo religioso.

Para Berger (1973), no campo religioso, pela Festa, tanto no sagrado quanto no profano, todas as coisas se reconciliam. É um momento de celebração da vida, o rompimento do ritmo monótono do cotidiano, o que permite ao homem experimentar afetos e emoções. Por instantes, o tempo do relógio é suspenso, o homem experimenta o tempo mítico da eternidade e da manifestação divina que permite a reconciliação de todos com todos. Nesse sentido, as festas revelam a essência fundante de respeito à fé e à fraternidade, que alimenta as manifestações religiosas e perpetua as tradições que constituem um verdadeiro patrimônio cultural. Se é possível verificar um intenso trânsito entre o sagrado e o profano, nas muitas manifestações religiosas e nas festas, essa circularidade é contínua e de grande visibilidade. Fazem parte do que a igreja conceitua como religiosidade popular, uma vez que não são prescritas pela liturgia, mas são celebradas por meio de ritos, objetivando o encontro dos homens com o mundo espiritual e sagrado.

Portanto, é através do imbricamento entre sagrado e profano sedimentado pelo campo da tradição que a festa mantém sua vitalidade e resistência (ALMEIDA, 2010). E, ao refletir sobre a relação dialógica que alicerça a tríade tradição – vitalidade – resistência, pude pensar o conceito de corpo cirieiro, ou seja, o corpo coletivo de densidade orgânica que congrega todos os eventos rituais presentes na festa de Nazaré.

O movimento de reflexão acerca do conceito corpo cirieiro tem como ponto de partida o significado da palavra Círio – “grande vela de cera”. No âmbito da religião, Círio significa “procissão em que se leva, de uma localidade para outra, uma dessas velas”. No corpo cirieiro a vela assume do

ponto de vista simbólico, o elo triádico composto pela tradição, vitalidade e resistência.

Também é possível pensar o corpo cirieiro em sua dimensão coletiva através da categoria sociológica consciência coletiva, defendida pelo sociólogo francês Émile Durkheim. Para este teórico, a existência de uma sociedade e a coesão social que assegura sua continuidade só se torna possível quando os indivíduos se adaptam ao processo de socialização, ou seja, quando são capazes de assimilar valores, hábitos e costumes que definem a maneira de ser e de agir característicos do grupo social ao qual pertencem. Neste caso, a consciência coletiva constitui o “conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade, formando um sistema determinado com vida própria” (DURKHEIM, 1996, p. 54).

A flexibilização desta categoria durkheimiana permite perceber na Festa, a existência de um certo tipo de consenso social provocado por uma espécie de compartilhamento de sentimentos, no terreno fértil do ser-junto, ao encontro da noção de pertencimento.

A flexibilização do conceito de consciência coletiva de Durkheim me permite enxergar que a dimensão de coletividade do corpo cirieiro inclui os jogos cênicos executados pelos grupos sociais que se digladiam na disputa pelos domínios da festa – arquiocese, diretoria da festa, Estado, meios de comunicação, empresas, estatais, promesseiros e devotos. Embora esses grupos, cada um a sua maneira, vivam e sintam a festa de maneira particular e às vezes até conflitante, o que os mantém unidos, para além dos domínios da cidade é a fé e o amor devotado a Nossa Senhora de Nazaré.

Todavia, é na dimensão das subjetividades existentes na Festa de Nazaré que a categoria corpo cirieiro se alarga, sobretudo quando considero que o campo das subjetividades encontra amparo e solo fértil no corpo do devoto, do brincante. É esse corpo que faz, vive e sente a festa em todas as suas dimensões. São as experiências do vivido que impõem os chamados **estados de corpo** – expressão utilizada

---

sua relação com os objetos, suas identidades e identificações” (BIÃO, 2009, p. 45).

por Armindo Bião ao se referir à indissociabilidade entre corpo e consciência (BIÃO, 2009). Neste caso, o ato de pagar promessa segurando a corda, atravessar de joelhos todo o percurso da procissão, carregar a réplica do objeto alvo da promessa (casa própria, carro, barco, parte do corpo “curado” pela intercessão da santa, livros de concurso e outros) é capaz de acionar memórias afetivas contidas nos estados de corpo e estados de consciência deste próprio corpo. O conceito de técnicas corporais de Marcel Mauss reforça o pensamento de Armindo Bião sobre estados de corpo e estados de consciência. Na obra *As Técnicas do Corpo* (1975), o antropólogo francês Marcel Mauss afirma que “o corpo é o primeiro instrumento do homem [...] o primeiro objeto e meio técnico do homem” (1975, p. 23). Atribuindo à noção de técnica o que chama de ato tradicional eficaz, Mauss afirma não existir técnica nem transmissão se não houver tradição. Neste caso, técnicas do corpo referem-se “aos modos pelos quais as pessoas sabem servir-se de seus corpos de maneira tradicional, o que varia de uma sociedade para a outra” (1975, p. 25). A fala de Dona Margarida, devota de Nossa Senhora de Nazaré e que há mais de trinta anos acompanha o Círio na corda, é bem significativa, quando diz que:

Eu não lembro de um ano não querer ou poder acompanhar minha santa. E todo ano, meu coração vibra de emoção quando me ponho em posição de prontidão na corda. Meu corpo todo conduz meus pés que vão na cadencia. Meu corpo explode de emoção quando passo em frente ao Colégio Nazaré. Não sei dizer nem explicar, só sei sentir. A alegria em estar viva e de poder louvar minha santinha, é o que dá vitalidade ao meu corpo. (Dona Margarida da Conceição Souza, depoimento coletado em frente ao CAN, no Círio de Nazaré do no de 2019).

Aqui, é possível observar no corpo cirieiro, sobretudo no ato devocional, as técnicas corporais tratadas por Mauss e a íntima relação que as mesmas mantêm com o campo da tradição. O exemplo mais significativo que ajuda a pensar esta questão é a presença da corda na Festa de Nazaré. No campo da

Festa, a corda se constitui em um signo com vitalidade de quase dois séculos. Sua tradição advém muito mais dos grupos de devotos, promesseiros do que da diretoria da festa ou da Arquidiocese.

De acordo com fontes pesquisadas, a corda foi introduzida na procissão do círio de 1855. Neste ano, a procissão foi conduzida em meio a forte tempestade que alagou boa parte das ruas por onde acontecia o cortejo. Em uma dessas ruas, o carro de bois que puxava a berlinda atolou, e membros da diretoria tiveram a ideia de arranjar uma grande corda, emprestada às pressas por um comerciante local, para que os fiéis que acompanhavam o cortejo pudessem puxar a berlinda de seu atoleiro. Durante vinte e oito anos – de 1856 a 1884 – a corda fez parte da procissão como objeto indispensável no ato de puxar o veículo condutor da santa e sua berlinda em várias situações de atoleiro.

Todavia, embora a Diretoria da Festa não visse a corda como parte simbólica da procissão, o mesmo não acontecia com devotos e promesseiros que acompanhavam o cortejo, que já viam neste signo, sobretudo no ato de segurá-la, uma maneira de pagar promessas à santa, conduzindo-a até o final da procissão.

Na contemporaneidade, a corda continua a ser o signo gerador das disputas na Festa de Nazaré e talvez por isso mesmo, o que mais exige do devoto ou promesseiro que a acompanha, estados de consciência capazes de impor técnicas corporais, ao mesmo tempo em que acionam memórias afetivas deste corpo que o remetem ao campo das tradições, posto que são os devotos, os que conduzem a corda, que dão o ritmo ao cortejo.

Em suma, no campo da espetacularidade, o corpo do devoto que acompanha o Círio na corda é o que detém maior carga dramática. É onde o estado de alteridade como categoria de reconhecimento entre olhante e olhado se estabelece, levando-os ao estado de identificação onde ambos se reconhecem como sujeitos partícipes do todo, cujas experiências subjetivas os levam ao encontro do sentimento de pertencimento, de pertencer ao lugar da Festa de Nazaré.



## Referências

- ALMEIDA, Ivone Maria Xavier de Amorim. Círio de Nazaré: A festa da Fé e suas (re)significações culturais – 1970/2008. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social. PUC-São Paulo, 2010 (246 págs.).
- BARTHES, Roland. Signos do mundo burguês-Mitologias. São Paulo: Difel, 1982.
- BERGER, Peter. Um rumor de Anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BIÃO, Armindo. Etnocologia e a cena baiana: textos reunidos. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.
- COELHO, Geraldo Mártires. Catolicismo devocional: o culto da Virgem de Nazaré no Pará Colonial. In: JANC-SÓ, István; KANTOR, Íris (Org.). Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa. São Paulo: Hucitec, 2001. (Coleção Estante USP – Brasil 500 anos, 03).
- CRUZ, Ernesto. O Uso da Berlinda de Nossa Senhora de Nazaré. Belém: Ufpa, 1967.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. São Paulo: Editora 34, 1998.
- DUBOIS, Pe. Florencio. A Devoção à Virgem de Nazaré em Belém do Pará. Belém: Imprensa Oficial, 1953.
- DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins e Fontes, 1996.
- GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1989.
- JURANDIR, Dalcídio. Belém do Grão Pará. São Paulo: Martins, 1960.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MAFFESOLI, Michel. O tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. Padres, Pajés, Santos e Festas: catolicismo popular e controle eclesialístico – um estudo antropológico no interior da Amazônia. Belém: Cejup, 1995.
- MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU, v. 02, 1975.
- MONTARROYOS, Heraldo. Festas profanas e alegrias ruidosas (Aimprensa no Círio). Belém: Falangola, 1993.
- MOREIRA, Eidorfe. Visão Geo-Social do Círio. Belém: Universidade Federal do Pará, 1971.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade, cultura e estrutura social. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998.
- PRADIER, Jean-Marie. Etnocologia. In: BIÃO, Armindo e GREINER, Christine. Etnocologia: textos selecionados. São Paulo: Annablume, 1999.
- PRADIER, Jean-Marie. Ethnoscénologie, manifeste. In.: Théâtre-Public 123, maio-junho, 1995.
- ROQUE, Carlos. História geral de Belém do Grão Pará. Belém: DistribeL, 1974.
- SANTA BRÍGIDA, Miguel. A Etnocologia na Amazônia: trajetos-projetos-objetos-afetos. Repertório, Salvador, nº 25, p. 13-23, 2015.
- VIANNA, Arthur. Festas Populares do Pará: I- A Festa de Nazareth. Belém: Typographia de Alfredo Augusto Silva, 1904.

Recebido: 10/01/2022

Aceito: 10/02/2022

Aprovado para publicação: 21/02/2022

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License 4.0 International. Available at: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

Ce texte en libre accès est placé sous licence Creative Commons Attribution 4.0 International. Disponible sur: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.